

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO (*LATO SENSU*) – “HISTÓRIA,
SOCIEDADE E CULTURA”.

**Hitler em *Ele está de Volta* – memória, representação
e cinema.**

JOÃO ERNESTO COELHO DINIZ

SÃO PAULO

2017

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO (*LATO SENSU*) – “HISTÓRIA, SOCIEDADE E
CULTURA”.

Hitler em *Ele está de Volta* – memória, representação e cinema.

JOÃO ERNESTO COELHO DINIZ

Trabalho apresentado para a disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso, como
componente para avaliação, sob orientação da
Prof. Dr. Josias Abdalla Duarte.

SÃO PAULO

2017

APRESENTAÇÃO

O tema a ser investigado é a memória e a representação de Adolf Hitler no livro *Ele está de volta* de Timur Vermes, publicado em 2011, e no filme homônimo de David Wnendt, produzido em 2015. Ambas as obras já estão disponíveis para o público brasileiro e são acessíveis.

A invenção da fotografia, no final do século XIX, possibilitou o congelamento, a perpetuação de um momento ou de uma pessoa para a posteridade. Os entusiastas diziam que a fotografia poderia registrar a realidade por si só, porém, hoje temos essa consciência de que a fotografia carrega intencionalidades e uma interpretação da realidade baseada em valores e experiências da pessoa que fotografou.

O século XX foi marcado pela fotografia, assim sendo a memória coletiva teve maior facilidade para se lembrar de fatos ou personalidades, que foram perpetuadas na história. Além disso, algumas figuras e alguns momentos históricos são exorcizados, exaustivamente conhecidos por conta de atrocidades, genocídios ou crimes contra a humanidade. Adolf Hitler (1889-1945) foi responsável por ordenar as ações que resultaram na Segunda Guerra Mundial, com aproximadamente sessenta milhões de mortos, e as ideias e ações que resultaram nas dez milhões de pessoas assassinadas no Holocausto.

Além disso, a imagem de Hitler ficou bastante conhecida também por conta da memória presente nas representações em produções culturais como filmes, documentários, desenhos animados e histórias em quadrinhos, os quais auxiliaram no processo de popularização de sua imagem e de suas releituras. Relembremos o documentário de Leni Riefenstahl como *O Triunfo da Vontade* (1935), a primeira releitura do ditador alemão feita no início da guerra feita por Charles Chaplin em *O Grande Ditador* (1940), a aparição do ditador na edição *número 1* da história em quadrinho do *Capitão América* (1941) ou os desenhos animados, usados como propaganda antifascista, como *The Ducktators* (1942) dos Looney Tunes – nesta animação cada um dos líderes do eixo é colocado como uma espécie de pato diferente e os perigos de seus discursos – ou *Der Fuehrer's Face* (1943) da Disney – nesta animação o Pato Donald está na Alemanha nazista.

Segundo levantamento feito pelo *The Guardian*, em outubro de 2015, o ditador alemão já foi rerepresentado cento e vinte vezes, após o término da Segunda Guerra

Mundial, em produções audiovisuais. Tais produções mantiveram esse papel de preservar a memória, para que o mundo nunca se esquecesse das suas atrocidades. Pensamos inúmeras produções cujo personagem central é o ditador como o filme alemão, algumas delas com a mesma estrutura de história que narra os últimos dias do III Reich como: *Der letzte akt* (1955), sob a direção de Georg Wilhelm Pabst, com Albin Skoda como Hitler; *Hitler: Os últimos 10 dias* (1973), sob a direção de Ennio De Concini, com Alec Guinness como Hitler; *A Queda: As Últimas Horas de Hitler* (2004), direção de Oliver Hirschbiegel, com Bruno Ganz como Hitler.

Outro fato que impulsiona a memória e a reinvenção da história sobre o ditador é a sua morte e seu desaparecimento. A história oficial conta que Hitler suicidou-se em seu *bunker* em 30 de abril de 1945. Porém, inúmeras teorias da conspiração colocam que o ditador teria escapado de Berlim e fugido para a América do Sul. Recentemente, duas teorias colocam que Hitler sobreviveu e teria morrido de idade avançada.

A primeira apresenta, de forma “sensacionalista”, a partir de documentos divulgados pelo FBI, uma figura conhecida como “Velho Alemão”, que no interior do Mato Grosso teria se casado com uma mulher negra, para não levantar suspeitas, e teria morrido com 95 anos. A segunda afirma que Hitler teria fugido para Argentina, vivido até 1971, porém, o corpo fora enterrado em Assunção, no Paraguai, em 1973, com apenas duas testemunhas do seu enterro.

Recentemente, a veiculação de documentários com relação a aspectos da vida pessoal do ditador (vida amorosa, dependência de drogas, sexualidade, entre outros) ou feitos do ditador, que minimizariam a força militar, como uso de estimulantes pelo exército alemão, ou invenção de armas mirabolantes, ou o suposto envolvimento de Hitler e dos nazistas com alienígenas, contribuem para a manutenção de sua memória como uma figura caricata e ainda viva.

As redes sociais são outro fator importantíssimo para essa manutenção da memória. Imagens do ditador viraram “memes”, com ironias, trocadilhos e reinvenções. Filmagens originais são editadas com músicas recentes, como *Hitler cantando Henrique e Juliano*. Ou mesmo as caricaturas e participações em desenhos recentes como *The Simpsons* – Temporada 4 (1992-3): Episódio 06, Episódio 16 e Episódio 20; Temporada 05 (1993-4): Episódio 04; Temporada 07 (1995-6): Episódio 22; Temporada 18 (2006-7): Episódio 06 e Episódio 11; – e *The Family Guy* – Temporada 1 (1999): Episódio 1 e 2;

Temporada 2 (1999-2000): Episódio 02 e 06; Temporada 4 (2005-6): Episódio 08 e 27; Temporada 5 (2007): Episódio 14; Temporada 06 (2007): Episódio 03; Temporada 7 (2008): Episódio 03 e 12; Temporada 8 (2010): Episódio 15 e 21; Temporada 9 (2011): Episódio 11; Temporada 10 (2011): Episódio 04 e 21; Temporada 13 (2014): episódio 01, 06 e 07;

Portanto, pode-se dizer que Hitler ainda tem, um potencial “*pop*”, pois sua figura se tornou uma caricatura, um objeto que ainda merece ser lembrado e ridicularizado incansavelmente. Apesar de sua morte, em 1945, sua memória e sua presença estão vivas na cultura de massas. E, talvez, algumas das perguntas que as pessoas mais fazem são: e se Hitler tivesse vencido ou sobrevivido a guerra? E se Hitler aparecesse no século XXI?. O autor Timur Vermes, tentou responder a essas perguntas com o seu livro *Ele está de volta* (2011).

No livro, Vermes coloca que Hitler teria acordado em 2011, no local onde seu bunker ficava, no coração de Berlim. Ao andar pela cidade, Hitler é confundido, repetidamente, com um imitador talentoso, um ator ou ainda um comediante. Hitler fica perplexo com o mundo atual, em especial com a Alemanha – cosmopolita, democrática, integrada à União Europeia, multicultural. Ele critica a banalização da tecnologia, a futilidade da televisão, a onda de refugiados, a democracia, os partidos políticos e o fato da figura central do governo ser uma mulher (Ângela Merkel).

O livro é uma ficção, mas, por meio deste recurso, o autor utiliza-se para criticar o poder da mídia na sociedade contemporânea e o fato de que o conservadorismo e o neofascismo são espontâneos e não dependem de uma figura central, porém uma figura pode se apropriar de uma insatisfação reinante em um determinado local.

O livro logo se tornou um best-seller e permanece, até os dias atuais, como um dos livros contemporâneos mais vendidos na Alemanha, pois o livro alerta para os perigos do discurso irracionalista e generalizante de grupos de extrema-direita. A obra salienta o modo como esses discursos são vistos como piada, como insanidade e, ainda, como tais figuras ou grupos ultra-conservadores, ganharam força nos últimos anos em diversas partes do mundo.

O livro foi adaptado para o cinema entre 2014-2015. O filme *Ele está de volta* (2015) foi dirigido por David Wnendt, já revelando ser inusitado pela forma com que foi

filmado. O filme estreou na Alemanha em outubro de 2015, alcançando um sucesso de bilheterias. Ele chegou ao Brasil em Abril de 2016, pela Netflix.

Wnendt rodou a adaptação do livro e ampliou as possibilidades narrativas ao colocar o ator Oliver Masucci, que interpreta Hitler, para filmar cenas com a população, no formato de “mockumentary” (pseudodocumentário). Durante as filmagens e durante a fase de pós produção, Masucci ficou espantado com os comentários nas redes sociais e se surpreendeu com a popularidade do Führer, nas ruas. Para o espectador, há um espanto pela quantidade de discursos em apoio aos projetos racistas e discriminatórios de Hitler e dos Nazistas, em pleno século XXI.

Com uma perspectiva de comédia, o filme utiliza-se de seu pequeno elenco artístico, e observa a mescla com o gênero documentário pois, nota-se que uma série de pessoas comuns, foram aproveitadas durante as filmagens nas cidades alemãs, bem como “youtubers” alemães e outras figuras. Observa-se que o diretor resgata uma perspectiva do cinema novo alemão para levantar, os grandes temas (racismo, xenofobia, holocausto), que alguns filmes trazem como *Alemanha no Outono* (1978) – Wim Wenders e outros, a fim de fazer o espectador refletir sobre o tema.

OBJETIVOS

- Compreender o imaginário social alemão e a memória coletiva referente a figura histórica de Adolf Hitler.
- Discutir a utilização de uma produção cinematográfica como fonte histórica.
- Problematizar o potencial de representação de Adolf Hitler na cultura de massas.
- Ponderar sobre o uso da obra de ficção para fazer uma crítica aos problemas reais.
- Pontuar o resgate estético, do cinema novo alemão.
- Compreender o uso híbrido: filme – pseudodocumentário.

JUSTIFICATIVA

A figura central do trabalho é a representação de Adolf Hitler em *Ele está de volta*, apresentadas em livro e em filme. Assim ampliar a discussão sobre a manutenção da memória e representação na cultura de massa. Apesar de ser um tema exaustivamente discutido, a atualidade e o ineditismo das fontes, permitem trazer uma nova contribuição acadêmica e historiográfica sobre o assunto. O trabalho permitirá investigar o potencial pop de Adolf Hitler, na atualidade, e a permanência de sua imagem como alvo de discussão, seja no campo acadêmico, ou no senso comum. A facilidade de acesso às fontes viabiliza a execução da pesquisa.

Além disso, pode-se refletir como as pessoas comuns lidam com os discursos conservadores e suas figuras centrais. No Brasil, observa-se um avanço dos movimentos conservadores e o crescimento de popularidade de Jair Bolsonaro. Esse trabalho permitirá observar e analisar de forma crítica os discursos da extrema direita e as representações sociais deles. Portanto, essa pesquisa possui uma função pedagógica e social.

FONTES

As fontes que serão utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa serão o livro *Ele está de Volta* – Timur Vermes e a sua adaptação cinematográfica: *Ele está de Volta* – David Wnendt.

Timur Vermes é um jornalista alemão, nascido em 1967. Estudou história e política, antes de fazer o jornalismo. Sempre buscou o jornalismo como uma forma de contar a história diária, as novidades. Seu primeiro romance é o best-seller *Ele está de volta*. Nele Vermes crítica a sociedade do espetáculo e com um humor negro deixa nas entrelinhas como os discursos fascistas ganham força na atualidade. Ele é narrado em primeira pessoa e apresenta o ponto de vista e os pensamentos de Adolf Hitler.

O livro é icônico já na capa, colocando o título com o formato do bigode do ditador alemão. Hitler acorda em 2011, num terreno baldio, acima de seu antigo *bunker*, na rua. Ele reaparece com roupas da época e é logo confundido com um ator ou comediante. Ele se espanta com a tecnologia e as razões com as quais ele teria sido o único que teria retornado. Hitler indaga sobre as questões da política, da sociedade, do nacionalismo,

do papel da Alemanha no Euro, entre outras. Por conta de suas opiniões inflamadas, logo ganha visibilidade e vira uma celebridade do *Youtube* onde ataca a política alemã e exalta o nacionalismo. A medida que Hitler ganha mais visibilidade, se interessa por envolver-se na política e o livro deixa o enredo em aberto, como se o leitor imaginasse o que aconteceria com tal popularidade.

David Wnendt nascido em 1977. Trabalhou em diversas partes da produção cinematográfica. Formado em administração e jornalismo pela Universidade de Berlim. Fez o mestrado em cinema. Trabalhou na televisão até 2011. Seu primeiro trabalho com longas foi *Kriegerin* (2011) – traduzido para o inglês como *Combat Girls* e para o português como *Guerreira* –, *Feuchtgebiete* (2013) – traduzido para o inglês como *Wetlands* – e *Er ist wieder da* (2015) – traduzido como *Look who is back*, para o inglês e Ele está de volta para o português. São marcas de suas obras o humor negro, reflexão sobre valores da modernidade, a concepção cinza da realidade e uma mistura entre drama e comédia.

O filme *Kriegerin* conta a vida de Marisa, uma neonazista devotada que serve de modelo para novas garotas do grupo. Suas convicções são revistas quando ela se envolve com um jovem refugiado afegão, Sandro. O filme *Feuchtgebiete* vai trabalhar com questões referentes aos conflitos internos de uma jovem alemã referentes a sexualidade, identidade e aceitação na sociedade moderna.

Em **Ele está de volta**, Wnendt adapta a história de Timur Vermes. Ele aproveita o tom satírico e de humor ácido do enredo e unindo-os as suas próprias características. Ele adapta a maior parte da história. Em seu processo de criação, Wnendt utiliza da linguagem de falso documentário para investigar como o povo alemão lidaria com o ator Oliver Massucci, vestido de Hitler. Ele também se apropria da narrativa documentária, utilizando de imagens reais de personagens da atualidade, manifestações e protestos. Assim como, altera a forma com que Hitler ganha a popularidade, tornando-se uma celebridade da televisão e como este repercute na internet – ao contrário do livro. Além disso, o filme se aproxima com o final da história do livro, ao pensar o que o ditador faria após alcançar a popularidade, o que suponha-se ser a sua entrada para a política e colocação de sua agenda conservadora, em pauta.

METODOLOGIA

Sobre a metodologia, utilizar-se-á, como base historiográfica, os trabalhos da História Cultural, pois possibilitaram o uso do cinema como documento histórico – Marc Ferro, Jean Claude Bernadet, Robert Rosenstone, e Johnni Langer.

Marc Ferro é o pioneiro no uso do cinema como fonte histórica, em *Cinema e história* (1992): contribui com o questionamento do impacto do cinema na nossa visão de história, o cinema como agente histórico, metodologia de análise do cinema e o cinema como fonte histórica. Em um dos capítulos, Marc Ferro investiga e analisa a campanha americana contra o nazi-fascismo no cinema durante a Segunda Guerra Mundial, que contribuiu para o potencial pop de Hitler.

Jean Claude Bernadet, em *O que é cinema?* (1985), contribui com um histórico do cinema como arte, ilustra e explica definições e termos específicos, caracteriza as principais escolas de cinema, discute, timidamente, sobre a realidade e a ficção nas telas, bem como o papel da montagem para o cinema.

Robert Rosenstone, em *A história nos filmes, os filmes na história* (2010), salienta que o uso do cinema como fonte é uma coisa recente, contextualiza a importância de relacionar o ano do filme ao filme em si, reaquece o debate entre o papel da ficção na escrita da história e a influência do filme na forma que se enxerga o que é história, que o historiador deve analisar um filme e buscar as representações do passado e não a reprodução do passado. Ao mesmo tempo, Rosenstone amplia os conceitos de fonte, história, historiador e, por fim, que existe uma “potencialidade narrativa” que expande a noção de escrita da própria história.

Johnni Langer, em *Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos* (2004), discute o papel da fonte na história e amarra o quesito do historicismo presente nos filmes, discute o processo de narrativização de estereótipos em filmes históricos, classifica o filme histórico em cinco tipos diferentes: Reconstrução Histórica, Biografias, Ficção Histórica, Adaptações Literárias com Fundo Histórico e Quadrinísticas. Langer também coloca um método de análise de fontes pensando o contexto histórico, o tema, os estereótipos, as referências internas e externas, bem como a crítica a esses processos.

No quesito de análise fílmica, utilizar-se-á os trabalhos de Fernão Pessoa Ramos, Enio Rodrigues Barbosa, Leandro Martins Borges, Rafael Spuldar e Pedro Spinola Pereira Caldas.

Fernão Pessoa Ramos, no artigo *O que é documentário?* (2001), rastreia a história do documentário, as perspectivas de análise, o desenvolvimento narrativo, a separação entre documentário e cinema (realidade/ficção), conceitos e classificação da linguagem e da narrativa do documentário.

Enio Rodrigues Barbosa, no artigo *Quando a realidade parece ficção, é hora de fazer um mockumentary* (2013), traz de forma introdutória uma conceituação a respeito do falso documentário, traz um histórico do gênero, a aproximação com o gênero de terror, a apropriação da linguagem que o espectador tem sobre o real e exemplifica como vários cineastas que utilizam essa tênue linha entre ficção e realidade.

Leandro Martins Borges, em sua dissertação *O falso documentário como enunciador de ruídos no regime de verdade* (2014), aprofunda a discussão teórica do falso documentário, a aproximação entre a realidade e a ficção na realidade pós-moderna e apresenta uma metodologia de análise do falso documentário. A dissertação prossegue com uma análise de falsos documentários, que tem um tema prático distinto do que pretende-se desenvolver nessa pesquisa, porém sua base teórica é extremamente valiosa para a pesquisa.

Rafael Spuldar, no artigo *Representações em A Queda e Eu fui a secretária de Hitler* (2005), analisa as representações sociais do nazismo e de Hitler em duas produções alemãs. Ele debate a rerepresentação da história e a hiper-realidade da produção de *A Queda*. O autor ainda trabalha com a forma com que o povo alemão lida com a memória ao longo do tempo.

Pedro Spinola Pereira Caldas, em seu artigo *Câmera como Bunker: o filme "A Queda" e o problema da consciência histórica alemã* (2005), focaliza em analisar o enredo da história, o roteiro, as formas dadas aos personagens centrais e a morte de Hitler. O autor coloca que o filme mantém uma análise conservadora da história e fracassa em humanizar Hitler, dando um tom de loucura e debilidade física. Ao mesmo tempo, ele também pontua a influência do documentário *Eu fui a secretária de Hitler* e das memórias de Traudl Junge para o roteiro do filme.

A análise da memória, da historicidade, na qual é baseada Hitler, bem como as explicações que levaram a ascensão do nazismo, nos anos 1930, são encontradas nos autores: Ângela Mendes de Almeida, Joachim Fest, Ian Kershaw, Isabel Loureiro, Eric Hobsbawm, Jeffrey Herf, Max Horkheimer e Georg Lukács.

Ângela Mendes de Almeida, em *A República de Weimar e a ascensão do nazismo* (1982), traz uma discussão mais geral do plano político, econômico, social e cultural da Alemanha entre 1919 e 1933.

Joachim Fest, em *Hitler* (2012), e Ian Kershaw, em *Hitler* (1993), trazem questões referentes a biografia do ditador alemão. Fest faz uma análise mais filosófica sobre a bagagem do ditador e como isso impactou nos seus discursos e nas suas ações políticas. Kershaw se adentra em descrever de forma detalhada os fatos da vida familiar, política, militar e ideológicos do ditador, trazendo uma narrativa tradicional.

Isabel Loureiro, em *A revolução alemã* (2014), contextualiza o fim da Primeira Guerra Mundial e a mobilização das principais forças de esquerda na Alemanha. Ela ilustra o papel da internacional e as manobras dos partidos de esquerda para assumir o poder. Ao mesmo tempo, ela demonstra que o partido SPD manteve-se favorável ao distanciamento do radicalismo político e minou as forças mais progressistas, abrindo margem para os partidos de centro e de direita, criando um vácuo político e facilitando a ascensão do nazismo.

Eric Hobsbawm, em *Tempos Fraturados* (2013), discute pontualmente o papel da nacionalização da comunidade judaica na Alemanha (entre o século XIX e o XX) e o impacto do nazismo na comunidade judaica que se sentia alemã. Em outro artigo, Hobsbawm ensaia sobre a integração regional europeia na segunda metade do século XX. Em *A Era dos Extremos* (2014), Hobsbawm argumenta sobre o papel aglutinador do nazismo em relação as forças conservadoras e como este influenciou outras ditaduras contemporâneas ou posteriores.

Jeffrey Herf, em *O modernismo reacionário* (1993), analisa o pensamento social conservador na Alemanha, como o imaginário social alemão que facilitou a ascensão do nazismo e os valores que essa onda conservadora pregava. Ele ilustra como a classe intelectual alemã repaginou valores já existentes e a coexistência com a tecnologia em avanço.

Max Horkheimer, em *Eclipse da Razão* (2015), logo após a Segunda Guerra Mundial, questiona os motivos que levaram a ascensão do nazismo e de quais mecanismos filosóficos e ideológicos ele se utilizou. Alguns fatores foram importantes para o avanço dessa mentalidade: a razão objetiva e a desumanização dos grupos “descartáveis”.

Georg Lukacs, em *Assalto a razão* (1959), ensaia e argumenta o irracionalismo como sendo um dos pilares da mentalidade alemã moderna, potencializada pelos nazistas. Ele utiliza de uma contextualização histórica e filosófica do irracionalismo na história social do pensamento alemão.

A análise historiográfica do cenário do século XXI que permitirá rastrear o historicismo presente a fonte, aparece nos autores: Ulrich Beck, Eric Hobsbawm e Jürgen Habermas.

Ulrich Beck, em *A Europa Alemã – a crise do Euro e as novas perspectivas de poder* (2015), contextualiza a questão política e a questão econômica da Alemanha e sua influência sobre a União Europeia entre 2008 e 2011. Ao mesmo tempo, o autor traz uma discussão profunda sobre os embates políticos dos grupos: defesa da União Europeia e da democracia transnacional cosmopolita contra a defesa do Estado-Nação, do conservadorismo e do nacionalismo ortodoxo. Ele também avalia a necessidade de um “novo pacto social”. Ainda ilustra a prática de Angela Merkel e como seu método observador (o que ele chama de merkelvelismo) e pensativo para tomada de decisões (questão nuclear pós-Fukushima, apoio financeiro à Grécia, intervenção na Líbia).

Eric Hobsbawm, em *Globalização, democracia e terrorismo* (2014), comenta sobre o papel dos nacionalismos no século XXI, o impacto da globalização nos movimentos transnacionais, a efervescência do nacionalismo ortodoxo presente no que ele chama de “Estados falidos” ou nas “Guerras Assimétricas” e reflete sobre os caminhos e desafios da disseminação da democracia ocidental moderna e o paradoxo do esvaziamento da vida democrática.

Jürgen Habermas, em *A Nova Obscuridade* (2015), elenca o avanço dos movimentos de extrema direita na atualidade e pontua o grau de alcance dos movimentos neonazistas. Ao mesmo tempo, ele coloca que esses grupos ganham mais visibilidade por conta da globalização e dos veículos de comunicação. Ao mesmo tempo,

vários desses grupos levantam a bandeira de não islamização, garantindo mais popularidade.

BIBLIOGRAFIA

ARTIGOS, DISSERTAÇÕES E TESES

ANDRADE, Guilherme Ignácio Franco de. **A trajetória da extrema direita no Brasil: integralismo, neonazismo e revisionismo histórico (1930 - 2012)**. Anais do V Simpósio Internacional de Lutas Sociais na América Latina. "Revoluções nas Américas: passado, presente e futuro" - 2013 (GEPAL). Texto disponível em <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v6_guilherme_GIX.pdf> acessado em 15 jan. 2015.

BARBOSA, Enio Rodrigues. **“Quando a realidade parece ficção, é hora de fazer Mockumentary”**. Ciência e Cultura, vol. 65, nº 1, São Paulo, Janeiro de 2013, pp. 60-63.

BORGES, Leandro Martins. **O Falso Documentario como enunciador de ruídos no regime da verdade**. PUC-SP (Dissertação). São Paulo, 2014. Texto disponível em < >. Acesso em 10 mar. 2017.

CAGLIANI, Bia. **Cinema e Pós Humanismo**. CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, UFPB, nº 9, setembro de 2005, pp. 60-63.

CALDAS, Pedro Spinola Pereira. **A câmera como bunker: o filme A Queda e o problema da consciência histórica alemã**. IN: Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2005 Vol. 2 Ano II nº 4.

CLUVER, Claus. **Intermedialidade**. IN: Pós: Belo Horizonte, v.1, n.2, nov. 2011. pp. 8-23. Texto disponível em <<https://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/viewFile/16/16>> acessado em 10 fev. 2017.

COELHO, Sandra Straccialano. **Perspectivas de análise narrativa no cinema: por uma abordagem da narrative do filme documentário**. Doc On-line. Dezembro de 2011, pp. 25-35.

COSMELLI, Lidiane Macedo. **O papel da narrativa ficcional histórica na construção do imaginário social**. IN: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Texto disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300449347_ARQUIVO_ANPUH.pdf> acessado em 24 Jan. 2017.

COSTA, Grace Campos & DIAS, Rofrigo Francisco. **O cinema como narrativa histórica: Robert A. Rosenstone e a linguagem histórica fílmica**. IN: Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Maio/Junho/Julho/Agosto de 2010 Vol. 7 Ano VII nº 2. Texto disponível em <http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/RESENHA_2_RODRIGO_DIAS_GRACE_CAMP OS_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf> acessado em 24 Jan. 2017.

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical? O partido Nazista no Brasil**. FFLCH-USP (Tese), 2007. Texto disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10072007-113709/pt-br.php>> acessado em 26 dez. 2014.

FREIRE, Marcus & Rosana Soares. **História e narrativas audiovisuais: de fato e de ficção**. IN: Revista comunicação mídia e consumo (ESPM), ano 10, vol.10, n.28, mai./ago. 2013. pp.71-86. Texto disponível em <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/506>> acessado em 24 jan. 2017.

GINZBURG, Carlo. **Mitologia germânica e nazismo: Sobre um velho livro de Georges Dumézil**. IN: Mitos, Emblemas, Sinais – Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. pp. 181-206.

KAES, Anton. **"The new german cinema"**. In: NOWELL-SMITH, Geoffrey. The Oxford history of world cinema. Oxford: Oxford University Press, 1997.

KORNIS, Mônica Almeida. **História e Cinema: Um debate metodológico**. IN: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 237-250. Texto disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1940>> acessado em 24 jan. 2017.

LAFETÁ, Julio Cesar Alessi de Carvalho. **A Intermedialidade no cinema de Peter Greenaway – Uma análise intermediária do filme Prospero's Books**. UFMG (Dissertação), 2011. Texto disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/JS55-8FFMCK>> acessado em 24 jan. 2017.

LANGER, Johnni. **Metodologia para análise de estereótipos em filmes históricos**. Revista História Hoje. São Paulo, Nº 5, 2004. Texto disponível em <<http://doczz.com.br/doc/294574/03.-metodologia-para-an%C3%A1lise-de-estere%C3%B3tipos-em-filmes>> acessado em 24 Jan. 2017.

MAZIERSKA, Ewa. **'Our Hitler': New Representations of Hitler in European Films**. IN: European Cinema and Intertextuality - History, Memory and Politics. EUA: Palgrave Macmillan UK, 2011.

MENEZES, Paulo Roberto Arruda de Menezes. **Cinema: Imagem e interpretação**. IN: Tempo Social (Revista de Sociologia da USP). São Paulo: n.2, vol.8, out. 1996.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. IN: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Texto disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>> acessado em 24 jan. 2017.

RAJEWSKY, Irina O. **Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”. Uma perspectiva literária sobre a intermedialidade**. IN: DINIZ, Thaís F. N.; REIS, Eliana Lourenço de Lima (Org.). Intermedialidade e Estudos Interartes. Desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. **O que é documentário?** IN: RAMOS, Fernão Pessoa e CATANI, Afrânio (Orgs.). Estudos de cinema – socine 2000. Porto Alegre: Sulina, 2001. pp. 192–207.

RENTSCHLER, Eric. **Reconsidering New German Cinema**. IN: Achorn Internacional (Revista). Publicado 17 nov. 2011. pp. 119-125. Texto disponível em <http://www.academia.edu/8827060/_Reconsidering_New_German_Cinema_> acessado em 24 Jan. 2017.

SPULDAR, Rafael. **Representações em A Queda e Eu Fui Secretária de Hitler**. IN: Famecos - PUCRS. Porto Alegre. N° 14. 2005. Texto disponível < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/878>> acessado em 30 out. 2016.

LIVROS

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2009.

_____. **Notas de literatura I**. São Paulo: Editora 43, 2003.

_____. **The culture industry - selected essays on mass culture**. Londres e Nova York: Routledge Classics, 2001.

ALMEIDA, Angela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ANDREW. J. Dudley. **As Principais Teorias do Cinema – Uma Introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo – Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. Campinas – SP: Papirusm, 1995.

_____. **A Imagem**. Campinas-SP: Papirus, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **Estado de Crise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BAZIN, André. **O Cinema – Ensaio.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

BECK, Ulrich. **A Europa Alemã – A crise do euro e as novas perspectivas de poder.** São Paulo: Paz e Terra, 2015.

BERNADET, Jean Claude. **Cineastas e Imagens do Povo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **O que é cinema.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, Nazismo, Integralismo.** São Paulo: Ática, 2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **A Escrita da História – novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CASETTI, Francesco. **Teorías del cine: 1945 - 1990.** Madri: Cátedra, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1989.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CORRIGAN, Timothy. **New german film: The displaced image.** Indianapolis: Indiana University Press, 1994

CUNNINGHAM, David & MAPP, Nigel (Orgs.). **Adorno and Literature.** Londres e Nova York: Continuum, 2006.

DIEHL, Paula. **Propaganda e persuasão.** São Paulo: Annablume, 1996.

ELIAS, Norbert. **Os alemães – A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ELSAESSER, Thomas. **The new german cinema: A history.** New Jersey: Rutgers University Press, 1989

- FEHRENBACH, Heide. **Cinema in democratizing Germany: Reconstructing national identity after Hitler**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.
- FERRO, Marc. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1997.
- FEST, Joachim. **Hitler**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2012.
- FÜHRER, Karl Christian & ROSS, Corey. **Mass Media, Culture and Society in Twentieth-Century Germany**. Londres: Palgrave Macmillan, 2006.
- FURHAMMAR, Leif & ISAKSSON, Folke. **Cinema e Política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- GAY, Peter. **A Cultura de Weimar**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1992.
- HABERMAS, Jürgen. **A Nova Obscuridade**. São Paulo: UNESP, 2015.
- HERF, Jeffrey. **O modernismo reacionário**. São Paulo: Ensaio, 1993.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia de bolso, 2014.
- _____. **Tempos fraturados – cultura e sociedade no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. São Paulo: UNESP, 2015.
- KAES, Anton. **From Hitler to Heimat: The return of history as film**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1989.
- KERSHAL, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- KRACAUER, Siegfried. **De Caligari a Hitler**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LABARTHE, Philippe Lacoue & NANCY, Jean-Luc. **O Mito Nazista**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas-SP: UNICAMP, 1990.

LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

LOUREIRO, Isabel. **A Revolução Alemã**. São Paulo: UNESP, 2014.

LUKÁCS, Georg. **El asalto a la razón – La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1959.

_____. **El Hombre y la Democracia**. Santiago - Chile: Contrapunto, 1985.

LUKÁCS, John. **The Hitler of History**. Nova York: Vintage Books, 1997.

MASCARELLO, Fernando (org.). **História do cinema mundial**. Campinas-SP: Papirus, 2006.

METZ, Christian. **A significação do cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: O espírito do Tempo - 1**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **El cine o el hombre imaginario**. Barcelona: Paidós, 2001.

NAZÁRIO, Luiz. **De Caligari a Lili Marlene**. São Paulo: Global, 1983.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas-SP: Papirus, 2016.

NOTH, Winfried. **Panorama da semiótica – de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 2008.

NÓVOA, Jorge & FRESSATO, Soleni Biscouto & FEIGELSON, Kristian (Orgs.). **Cinematógrafo : um olhar sobre a história**. Salvador : EDUFBA ; São Paulo : Ed. da UNESP, 2009.

PFLAUM, Hans Günther e PRINZER, Hans Helmut. **El cine en la República Federal de Alemania. El nuevo cine alemán/Situación actual**. Bonn: Inter Naciones, 1983.

PIKETTY, Thomas. **O Capital no Século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema, Volume II.** São Paulo: Senac, 2005.

REES, Laurence. **O carisma de Adolf Hitler - o homem que conduziu milhões ao abismo.** São Paulo: Leya,

REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.) **O Século XX [Volume 2] – O tempo das crises: Revoluções, fascismos e guerras.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RIBEIRO JR., João. **O que é nazismo?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes, os filmes na história.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

RUDIGER, Francisco. **Theodor Adorno e a Crítica à indústria Cultural - comunicação e teoria crítica da sociedade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

STAM, Robert. **Introdução à Teoria do Cinema.** Campinas-SP: Papyrus, 2000.

VICTORINO, Lilian. **Dilemas do pós-modernismo na cultura de massa.** São Paulo: UNESP, 2012.

XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico – a Opacidade e a Transparência.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.